

“Programa” quer instaurar dúvida e invenção sob a aparente banalidade de seus materiais. Desde o início o visitante é instigado a se perguntar sobre a própria posição no museu, sobre a qualidade da relação que estabelece com os trabalhos, induzido, no mais das vezes, a encadear os significados do que vê. Quando devolve conteúdos mais que naturalizados a um estado de surpresa, a exposição propõe um pensamento em segundo grau – uma reflexão acerca da reflexão mesma, uma dissociação entre o reconhecimento das coisas e a sua inteligibilidade –, na tentativa, também, de desarticular os condicionantes da experiência pressupostos nos espaços de arte. Trata-se de um mecanismo que concorre para explicitar essa mediação institucional, sem bancar, contudo, uma atitude meramente reativa às circunstâncias em que se inscreve. O sentido daquilo que percebemos por uma evidência insuficiente não se encontra ali à disposição, tampouco guarda um comentário paralisante a respeito dos lugares que os trabalhos delimitam agora. Esta falta de definição precisa é e continuará sendo lacuna, um desvio das idéias para alhures.

Nem bem o espectador chega à sala da mostra, depois de deparar com um vídeo em exibição no elevador, e “Programa” é já um intervalo, um lapso na seqüência dos acontecimentos e, sobretudo, uma pausa nos hábitos da percepção. A presença alastrada dos trabalhos, até certo ponto secreta, produz de saída um desequilíbrio na fluência do percurso. A ocupação sem sobreaviso do elevador e a disposição de materiais, suportes e soluções heterogêneos em um ambiente mantido quase vazio enfatizam a ausência de uma unidade explicativa para tudo o que está em exposição – embora o vínculo entre as obras seja forte, atado por um raciocínio rigoroso sobre a sua possibilidade de inserção crítica no âmbito da arte. Por suposição, vai que essas peças decidam omitir, por um instante, o campo a que pertencem... Decerto não seria para diluir tudo no fluxo da vida. Mas, talvez, para reiterar que se reúnem com o objetivo de pôr à prova o seu potencial de autonomia frente às demais coisas do mundo, sem depender de fatores externos, no limite da diferenciação e, a um só tempo, em recusa a qualquer estatuto privilegiado. No fundo, é a arte que está posta, aqui, como fratura do que julgamos conhecer, como um domínio específico em atrito com o seu entorno e, se não “acessível” por inteiro, ao alcance sob a forma de interrogações.

Pelo modo como “Programa” se apresenta, até que parece simples, breve e imediato. Os trabalhos se impregnam de aparências domésticas, do cotidiano, da publicidade, e surgem do cumprimento de ações que, ao fim e ao cabo, são bastante sucintas. Em geral, seres e objetos “performam” uma determinada prescrição, assumem comportamentos estranhos, transferem características um ao outro, interagem com a arquitetura, e basta. A descrição desses acontecimentos e dessas situações fechados em circuitos será sempre impotente, pela tendência a deixar para trás o que realmente importa: o deslizamento de um desempenho tido à primeira vista por disparate, para uma mecânica de procedimentos econômicos, calculados, sob controle e com enunciações sem substância, a meio caminho entre a perfeita identificação e a distância de um estranhamento. Os componentes são familiares e as configurações,

improváveis. Seria preciso falar de uma “rotina insólita”, de um “contra-senso lúcido”, algo assim, para se aproximar do que fazem esses trabalhos, sóbrios e enigmáticos.

Tanto as peças desconfiam de complexidades interiores e de uma proeminência física decidida, que se mostram discretas, translúcidas ou na franqueza de uma superfície plana, sempre rentes a piso e paredes, se muito com texturas. Nessa inserção rasteira, pelas beiradas, os trabalhos comprimem os contornos da realidade e acabam por alterar, também, as nossas coordenadas de contato com o mundo. Para ficar com imagens criadas pela exposição, eis um espaço encurtado na sua mensuração por um “gigante”, um tempo que se arrasta em círculos, em vez de transcorrer, à velocidade de um jabuti. Não raro, tempo e espaço se fazem apreender por dados trocados: por exemplo, o tempo que não chega a se desdobrar em duração, mas se move ao longo de uma seqüência de imagens estáticas, correspondente à demarcação fragmentária de um espaço, em organização meio cinematográfica; enquanto a extensão de uma paisagem, em vista panorâmica dividida em três quadros, se completa quando insinua, no mesmo lance, um escoamento do passado ao presente e ao futuro. No fim das contas, é como se existisse, para um tempo que gira em falso, um espaço modular. E aqui ambos, tempo e espaço, apagam a idéia de avanço e progressão, para instituir uma atualidade absoluta, de sucessivas repetições.

Esta ficção – porque a exposição está a ponto de pedir que a chamemos assim – compõe, portanto, uma versão fabular de aspectos da vida ordinária, ou a edição trivial de uma imaginação fabuladora. Seja com a comicidade da expectativa gerada por enredos curtos que não acabam em nada, nunca; seja com a estrutura absurda que desintegra lentamente a linguagem diária, substituindo-a por sentenças sintéticas, por formulações gerais que não encerram verdade nem resolução, apenas um ponto de partida visual para outras inferências e deduções. A inteligência austera de “Programa” passa por esse poder de demonstração de asserções inverificáveis – e cuja natureza só podia ser especulativa.

José Augusto Ribeiro, curador da exposição.

ⁱ Texto escrito por ocasião da exposição homônima na Estação Pinacoteca, São Paulo, 2009.